

## **O português dos jovens da aldeia Afukuri: notas sobre o contato linguístico no Alto Xingu**

Portuguese as spoken by young adults in the Afukuri village:  
notes on language contact in the Upper Xingu

Luis Miguel Rojas-Berscia<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-0492-9429>

Douglas William Pereira<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-7929-263X>

Makulan Mehinaku Kuikuro<sup>3</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-4802-7945>

DOI: 10.26512/rbla.v12i1.31045

Recebido em abril/2020 e aceito em abril/2020

### Resumo

Com base num corpus sucinto recolhido e analisado pelos alunos do ensino médio da etnia Kuikúro da aldeia Afukuri no Alto Xingu, apresentamos neste estudo preliminar uma descrição de alguns aspetos fonológicos e morfossintáticos do português dos jovens da aldeia Afukuri. Apesar de o português padrão se encontrar progressivamente penetrando nos repertórios linguísticos desses jovens por causa da escolarização quase onipresente nestes dias nas aldeias, as características do português xinguno descritas em Emmerich (veja Emmerich 1984; Emmerich e Paiva 2009) mantêm-se e demonstram tanto uma aparente homogeneização dessa variedade linguística, a despeito do multilinguismo da região, quanto uma adequação ao repertório linguístico típico da fala Kuikúro. Nós sugerimos que a existência de elementos da língua nativa Kuikúro no português dos jovens da aldeia Afukuri por meio da mistura de código constitui um fenômeno pragmático (Gumperz 1982, 84) e um índice de segunda ordem (Silverstein 2003), reforçando as identidades étnicas e linguísticas particulares dos falantes em interação dentro do sistema regional xinguno.

---

1 Linguista, professor na University of Queensland, School of Languages and Culture, ARC Centre of Excellence for the Dynamics of Language. E-mail: [l.rojasberscia@uq.edu.au](mailto:l.rojasberscia@uq.edu.au).

2 Educador, Secretaria do Estado da Educação e Cultura do Mato Grosso; Escola Estadual Indígena Central Karib, sala de extensão Aldeia Afukuri. E-mail: [brbio.douglaspereira@gmail.com](mailto:brbio.douglaspereira@gmail.com).

3 Pesquisador no Projeto “Histórias das curvas e locais sagrados no rio Kuluene, na região dos Kuikuro”, Associação Afukuri. E-mail: [makulan\\_200@yahoo.com.br](mailto:makulan_200@yahoo.com.br).

Palavras-chave: Português xinguanos , Mistura de código , Kuikuro, Alto Xingu, linguística de contato

### Abstract

In this article we present a preliminary description of some phonological and morphosyntactic aspects of the Portuguese spoken by young adults in the community of Afukuri, on the basis of a small corpus collected and analysed by adult high school students of the Kuikuro ethnic group in the community of Afukuri in the Upper Xingu. Although Standard Portuguese is progressively penetrating the linguistic repertoires of these young adults due to contemporary almost omnipresent schooling, the characteristics of Xinguan Portuguese described in Emmerich (q.v. Emmerich 1984; Emmerich and Paiva 2009) are maintained and display both an apparent homogenisation, in spite of the existing multilingualism in the region, and elements of the typical linguistic repertoire of Kuikuro speech. We suggest that the existence of Kuikuro native elements through code-mixing can be considered a pragmatic phenomenon (Gumperz 1982, 84), as well as a second-order index (Silverstein 2003), as a means of reinforcing the speakers' particular ethnic identities in interaction within the Upper Xingu regional system.

Keywords: Xinguan Portuguese. Code mixing. Kuikuro. Alto Xingu. Contact linguistics.

## 1. Introdução

A linguística amazônica tem se focalizado nas últimas décadas na compreensão dos sistemas regionais (SR) (Epps e Michael 2017, 936), caracterizados pela existência de vários grupos falantes de línguas não relacionadas, mas que exibem valores culturais comuns. A característica mais relevante destes sistemas é o predomínio da difusão gramatical em vez do empréstimo léxico (Bowern et al. 2011), o contrário ao comumente observado em diversos cenários de contato linguístico no mundo (cf. Thomason e Kaufman 1988). A região situada entre os afluentes formadores do Rio Xingu, melhor conhecida pelo nome do Alto Xingu, e um destes SR, onde coabitam falantes de quatro grupos linguísticos diferentes: Karíb, Arawák, Tupí-Guaraní e Trumái. As línguas caribes do Alto Xingu são quatro: Kuikúro, Kalapálo, Nahukuá e Matipá; as Aruwak, três: Yawalapít, Waujá e Mehináko; as Tupí-Guaraní, duas: Aweté e Kamayurá; e, finalmente, o Trumái é uma língua isolada (q.v. Seki 2011 para mais detalhes sobre cada um dos grupos linguísticos). Todos estes grupos linguísticos mantêm a sua própria língua sem por isso perderem a possibilidade de mútua interação. Até a presente data, podemos falar com certeza que esta totalidade de grupos constitui um complexo cultural (Franchetto 2011, 5), cujos rituais são a sua principal fonte de comunicação (Emmerich e Paiva 2009, 154). Segundo Seki (1999; 2011), tem elementos nas línguas xinguanas que evidenciam uma incipiente convergência gramatical, produto do contato constante que precede os primeiros contatos com os brancos ou caraíbas. Não obstante, os paralelos pesquisados são muito poucos ainda para se poder afirmar a existência de uma área linguística definida.

Uma das línguas mais recentemente chegada ao sistema regional do Xingu é o português. Só após a chegada e o estabelecimento dos irmãos Villas-Bôas e dos pesquisadores do Museu Nacional, a língua portuguesa começou a ser usada no Xingu por indígenas e brancos para a comunicação interétnica. Ao contrário de outras ecologias linguísticas, onde a língua dos brancos rapidamente suprimiu as falas locais, as línguas do Xingu se mantiveram fortes, “hospedando” o português só no terreno de língua de comunicação com a gente da cidade e com povos não falantes da língua local, para temas como saúde e troca de bens (Emmerich e Paiva 2009, 155).

Esta variedade do português, fortemente simplificada, ou com traços pidginizantes (Emmerich 1984), paulatinamente começou a incorporar traços semanticamente menos transparentes da língua alvo e se transformou no que hoje conhecemos como português xinguanos (PX). Com tudo, esta variedade de português é talvez uma das línguas xinguanas melhor estudadas por enquanto no Alto Xingu desde uma perspectiva tanto descritiva como variacionista.<sup>4</sup> A pioneira dos estudos do português xinguanos foi Charlotte Emmerich. Seu estudo abrangente (Emmerich 1984) foi continuado e discutido em vários artigos posteriores que trataram temas diversos como a dialetologia (Silva 2010), a fonologia (Paiva 2010; Brasil 2010; Mollica 2010), o discurso (Baião 2010), a morfossintaxe (Gomes 2010; 2009), e o contato linguístico (Castro et al. 2001).

O número de estudos é bastante respeitável e o nível de detalhe que cada um apresenta é suficiente para se ter uma ideia das características principais do PX. Mesmo assim, um problema que não é discutido em detalhe nesses estudos é a origem dos dados. A maioria dos estudos tem somente dados do PX falados pelos indígenas Kamayurá. Por exemplo, no estudo sobre a aquisição do sistema de preposições no PX (Gomes 2009), se fala de uma “língua de contato [que] incorpora itens lexicais de línguas nativas, sobre tudo Kamaiurá, e é marcada por influências da fonética e da semântica dos diversos vernáculos indígenas” (2009, 165). Será que o PX verdadeiramente incorpora itens lexicais sobretudo do Kamayurá ou é só o corpus usado que mostra estas tendências?

Neste breve estudo, exploramos a pergunta seguinte “são os traços descritos pelos autores acima citados propriamente do PX ou são só válidos para uma variedade do português falado pelos Kamayurá?” Nas próximas seções corroboramos a validade dos fenômenos encontrados nessa literatura para nosso terreno e adicionamos a variável “etnicidade”. O PX parece ser já um fenômeno do Alto Xingu em geral, cada vez mais forte entre os jovens xinguanos que têm acesso à escolarização até o ensino médio e às plataformas de redes sociais na própria aldeia, mas mantendo traços próprios da língua local como marca de identidade grupal. Nós argumentamos que o PX espelha a ecologia linguística

---

4 Lamentavelmente até agora têm só descrições gramaticais detalhadas das línguas, Kamayurá, Kalapalo e Trumai.

xinguana (apud Seki 2011), sendo um veículo de comunicação interétnica, mas mantendo mesmo características discursivas únicas de cada povo.

Este breve artigo é estruturado do seguinte modo: na seção dois apresentamos um perfil gramatical da língua Kuikúro. As características que apresentamos são de interesse especial para o presente estudo. A seção três descreve a história e a ecologia linguística da aldeia Afukuri, focalizando sobretudo o papel da escola e a entrada intempestiva das redes sociais e da Internet. A seção quatro apresenta algumas características fonológicas, morfossintáticas e discursivas do PX dos jovens da aldeia Afukuri, demonstrando a validade das observações gerais de Emmerich (Emmerich 1984; Emmerich e Paiva 2009) e adicionando elementos que parecem só acontecer nas falas dos jovens Kuikúro da aldeia Afukuri. Finalmente, a seção cinco incorpora nossas observações em discussões recentes da sociolinguística, argumentando que as ocorrências da alternância de código convencionalizada na fala dos jovens da aldeia Afukuri é uma estratégia para a marcação da sua identidade étnica, i.e. um marcador social ou índice de segunda ordem (Eckert e Labov 2017; Agha 2005; Silverstein 2003).

## **2. Perfil gramatical da língua Kuikúro**

A língua Kuikúro é uma das quatro línguas Karíb do Alto Xingu, junto com o Matipú, o Kalapálo e o Nahukwá. Estas quatro línguas são tão próximas léxica e morfossintaticamente que elas poderiam ser chamadas de dialetos (Franchetto 2017, 217) da Língua Karib do Alto Xingu (LKAX). O Kuikúro pertence a um dos dois ramos meridionais da família linguística Karíb (Meira 2006; Meira e Franchetto 2005); é falada por ca. 700 indígenas em seis aldeias (Ipatse, Afukuri, Lahatua, Mayene, Curumim, Nekupai e Paraíso) no sul do território indígena do Xingu, ao norte do estado do Mato Grosso (Franchetto 2018, 314). Por enquanto, o Kuikúro é uma língua vital no Território Indígena do Xingu. As crianças nas aldeias ficam monolíngues até elas assistirem aos seus primeiros anos de escola. Muitas mulheres e idosos também são monolíngues e, em alguns casos, usam uma variedade pidginizada de português quando precisarem se comunicar com caraíbas ou forasteiros.

A pioneira nos estudos linguísticos modernos da língua Kuikúro é a linguista Bruna Franchetto, quem produz uma extensa descrição etnolinguística em sua tese de doutorado (Franchetto 1986), uma extensa documentação da língua, assim como também vários artigos sobre a tipologia (Franchetto 1990; 2010; 2017) e a morfossintaxe gerativa da língua (Franchetto e Santos 2010). A pesquisa também foi continuada por Santos (2007), em sua tese de doutorado sobre a morfologia Kuikúro. Até agora, apesar de ser uma língua consideravelmente bem documentada, não há nem uma gramática descritiva nem um dicionário de referência para os especialistas e os Kuikúro.

Continuando, apresentamos algumas das características mais relevantes do Kuikúro. Os dados que apresentamos nesta seção foram recolhidos com a ajuda do terceiro autor do estudo e refletem a fala Kuikúro da aldeia Afukuri.

## 2.1 Fonologia

O Kuikúro possui 14 fonemas consonantais que apresentamos na tabela seguinte. Os grafemas dentro dos '<>' são utilizados nas representações ortográficas da língua:

**Tabela 1. Consoantes da língua Kuikuro, baseado em Franchetto (1995), Santos (2007) e Maia et al. (2019)**

	<i>Bilabial</i>	<i>Alveolar</i>	<i>Palatal</i>	<i>Velar</i>	<i>Uvular</i>	<i>Glotal</i>
<i>Plosiva</i>	p <p>	t <t>	ʃ <j>	k <k>		
<i>Flepe</i>					ʁ <g>	
<i>Fricativa</i>		s <s>				h <h>
<i>Africada</i>		ts <ts>				
<i>Lateral</i>		l <l>				
<i>Nasal</i>	m <m>	n <n>	ɲ <nh>	ŋ <ng>		
<i>Aproximante</i>	w <u>					

Em relação às vogais, segundo Franchetto (1995), o Kuikúro possui seis fonemas vocálicos.

**Tabela 2. Vogais da língua Kuikúro, baseado em Franchetto (1995), Santos (2007) e Maia et al. (2019)**

<i>Fonema vocálico</i>	<i>Representação grafêmica</i>
/a/	<a>
/ɛ/	<e>
/i/	<i>
/ɔ/	<o>
/ɨ/	<ü>
/u/	<u>

Atualmente, sabemos que as vogais Kuikúro possuem contrastes de duração e nasalidade. Contudo, mais estudos são necessários para determinar se estes traços são efetivamente fonológicos ou não (Santos 2007, 30).

Finalmente, a sílaba Kuikúro é de estrutura (C)V.

## 2.2 Aspetos morfossintáticos

O Kuikúro é uma língua aglutinante, de predicado final, (1). As vezes esta característica não é estrita (veja o exemplo (2) onde o predicado principal não está na posição final. Este fenômeno precisa de mais estudo, pois pode ter a ver com a fala dos jovens desta aldeia e o contato com o português). Além disso, possui características morfossintáticas de uma língua ergativa (Maia et al. 2019, 22), (3).

- 1) Tsihitaginhuti tsihitsagü  
 Tsih-itaginhuti                      tsih-i-tsagü  
 13p-conversar-NMLZ      13P-COP-CONT  
 ‘Estamos querendo conversar.’
  
- 2) Atsiji itsagü uelüti.  
 Atsiji            ø-i-tsagü                      u-e-lü-ti  
 Morcego      3-COP-CONT            1-matar-PNCT-NMLZ  
 ‘O morcego quer me matar.’
  
- 3) Inhalü itoto heke itão apilüi.  
 Inhalü            itoto                      heke            itão            api-lü-i  
 NEG            homem                      ERG            mulher            bater-PNCT-COP  
 ‘O homem não bateu na mulher.’

Uma das características mais destacadas da língua é o uso de um único conjunto de formas pronominais prefixadas que “codificam o argumento interno dos verbos, nominais e posições” (Franchetto 2017, 172). Em seguida, apresentamos uma tabela com essas formas:

**Tabela 3. Prefixos de pessoa na língua Kuikúro, extraído de Maia et al. (2019, 24).**

	Com radicais iniciados por vogal	Com radicais iniciados por consoante
1ª pessoa	<i>u-</i>	<i>u-</i>
2ª pessoa	<i>e- (a-, o-)</i>	<i>e- (a-, o-)</i>
3ª pessoa	<i>is-, inh-, ø-</i>	<i>i-, ø-</i>
1 plural exclusiva	<i>tis-, tinh-</i>	<i>ti-</i>
1 dual inclusiva	<i>kuk-, k-</i>	<i>ku-</i>
3ª reflexiva	<i>tü-</i>	<i>tü-, tu-</i>

Alguns exemplos do uso desses prefixos pessoais são os seguintes:

- 4) Eitaginhuko Kuikuroi  
**E**-itaginhu-ko Kuikuro-i  
 2-falar-PL Kuikuro-COP  
 ‘Vocês falam Kuikúro’
- 5) Kituko  
**K**-itu-ko  
 1DUAL.INCL-aldeia-PL  
 ‘Nossa aldeia’

Os argumentos em função de sujeito do verbo intransitivo e do objeto de verbo transitivo sempre ocorrem antes do verbo (SV/OV). O sujeito do verbo transitivo (A) é marcado com o caso ergativo, neste caso pela posposição *heke* (6). O sujeito da matriz sintática pode ocorrer tanto ao final da proposição como antes do verbo, i.e. antes do argumento O (AOV), (7) e (8).

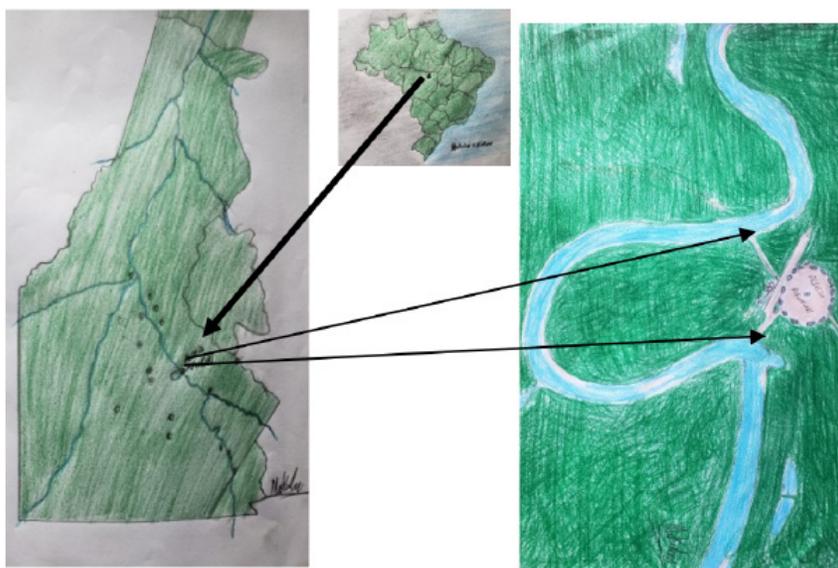
- 6) Epügü **uheke**  
 E-e-pügü u-**heke**  
 2-matar-PFV 1-ERG  
 ‘Eu matei você’
- 7) **Ekegé heke** uelü  
 Ekegé **heke** u-e-lü  
 onça ERG 1-matar-PNCT  
 ‘A onça me vai matar’

### 3. A história e a ecologia linguística da aldeia Afukuri

Criada em abril de 1996, com apenas 15 pessoas da etnia Kuikúro de uma mesma família, entre homens, mulheres e crianças, surgiu a aldeia Afukuri. Depois de ocorrido uma triste tragédia na aldeia em que moravam, Ipatse, por causa de um assassinato por um feiticeiro, os mais velhos da família fundadora ficaram com medo que mais coisas ruins pudessem acontecer, e decidiram partir a procura de um local onde poderiam viver em paz e segurança. O local escolhido foi na curva do rio Kuluene – de acordo com a mitologia da etnia, neste local há um buraco muito profundo no rio onde mora uma onça preta de dois rabos chamada *Ahukugi* (em português – Afukuri) que dá o nome à aldeia (veja Imagem 1 para a localização geográfica da aldeia no Brasil). Primeiramente abriram uma grande roça e acampamento, e depois construíram três grandes ocas. Permaneceram neste local por onze anos e, em 2007, se mudaram para a área atual, próxima da antiga, porém mais afastada do rio. Atualmente a aldeia conta com 18 grandes ocas tradicionais e pequenas casas de sapé anexas, usadas para armazenamento de materiais e ferramentas, e como local onde as mulheres produzem o beiju e preparam outros alimentos.

Na aldeia Afukuri, a etnia principal é a Kuikúro. Há, porém, pessoas das etnias Yawalapíti e Mehináko devido a casamentos interétnicos comuns no SR xinguano. A língua principal da aldeia é o Kuikúro. Os habitantes da aldeia mais idosos são comumente monolíngues e conhecem uma variedade pidginizada do português, como documentado em Emmerich (1984), que ajudara eles nas trocas interétnicas e nos primeiros contatos com os caraíbas. Os adultos da aldeia também falam Kuikúro. Os homens falam uma variedade mais homogênea do português, o chamado português xinguano, e as mulheres, se não tiverem nenhum tipo de educação escolar, permanecem muitas vezes monolíngues. Os homens falam uma variedade que, como descreve Silva (2010, 13) para a situação Kamayurá, foi adquirida “informal e assistematicamente, isto é, sem interferência dos mecanismos oficiais de educação”. Esse não é o caso dos jovens atualmente. Os mais jovens da aldeia, os quais pertencem ao grupo estudado neste artigo, são comumente bilíngues e aprendem sistematicamente o português na escola. Eles falam cotidianamente a língua Kuikúro na aldeia, mas também têm um conhecimento avançado do português xinguano, que é enriquecido na escola com professores locais e da cidade. A escola, junto com as redes sociais como Facebook e WhatsApp, têm ajudado os jovens a atingir níveis mais altos da língua alvo e, de alguma forma, fazer dela parte do seu repertório linguístico. Visto que o fenômeno da formação nas escolas das aldeias ocorreu depois da formação do português xinguano, achamos importante a inclusão deste fator no desenvolvimento desta nova variedade falada pelos jovens.

**Imagem 1. Representação da localização da aldeia Afukuri**  
(©Makulan Mehinako Kuikuro)



### **3.1 Histórico da Educação Escolar Indígena na aldeia Afukuri**

A ‘Escola Indígena Ahukugi’ foi criada no ano de 1997. Era uma escola pequena, de lona e com apenas dois professores. Em 1998 foi construída uma escola municipal de madeira e com telhas, ‘Escola Municipal Indígena Ahukugi’, funcionando com duas turmas e com ainda os dois professores. No ano de 2003, um forte vento derrubou essa escola e foram perdidos muitos materiais. No mesmo ano a comunidade construiu uma casa de sapé para um professor não indígena que veio lecionar na aldeia. Porém, esse professor não se acostumou com a vida nesse contexto, permanecendo lá apenas um mês. Como a casa de sapé ficou vazia, a comunidade decidiu usá-la dividindo-a ao meio, ficando uma parte maior como escola, que passou a abrigar quatro turmas e possibilitou a contratação de dois novos professores; já a outra parte passou a funcionar como posto de saúde.

Lamentavelmente, a escola de sapé pegou fogo em 2007. Foi neste mesmo ano que a comunidade se mudou para a área atual, próximo da antiga, porém mais afastada do rio. Então os professores ficaram improvisando a escola ao ar livre. No ano de 2011, já na aldeia atual foi construído pelo Distrito de Saúde Indígena - DSEI um pequeno posto de saúde, em madeira e telhas. A comunidade decidiu usar esse postinho como escola, nomeando-a ‘Escola Estadual Indígena Afukuri’, como sala anexa da EEI Central Karib. Apenas no ano de 2018 foram construídas mais duas salas pela Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso, após um Abaixo-Assinado e uma Moção Pública acionada pela 2ª CONEEI – Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena. Atualmente estão matriculados na escola 86 alunos, distribuídos em sete turmas de ensino fundamental, ensino médio e ensino de jovens e adultos.

Na escola, o português é adquirido pelas crianças desde o ensino fundamental. Os professores indígenas da aldeia Afukuri são os responsáveis por essas turmas e ensinam por meio da língua Kuikúro quando é necessário. No caso do ensino médio e de jovens e adultos, as aulas se desenvolvem em português. O professor principal é um falante nativo dessa língua e usa a variedade padrão nas diferentes disciplinas. Foi neste contexto que nasceu a ideia de recortar dados do português falado nas aulas da escola, após se observar que os jovens, no contato diário com os professores não Kuikúro e com o pessoal de saúde da cidade, usavam um português particular, muitas vezes chamado de quebrado pelos próprios jovens da aldeia, mas que apresenta formas já estáveis do português xinguano descrito por Emmerich (1984), assim como também inovações não descritas antes na literatura. Na próxima seção apresentamos uma descrição preliminar destes fenômenos.

## 4. Algumas características do português dos jovens da aldeia Afukuri

As seguintes subseções apresentam os fenômenos observados na fala dos jovens da aldeia Afukuri. Muitos destes fenômenos, sobretudo os fonológicos e os morfossintáticos, foram já observados na literatura. Outros precisam de ser estudados com mais detalhe no futuro. Por enquanto, os jovens já estão falando um melhor português padrão. Eles conscientemente observam a fala de algumas lideranças tradicionais e percebem a diferença. Os alunos do ensino médio já percebem também quando outros professores indígenas escrevem ou pronunciam palavras “erradas”.

### 4.1 Características fonológicas

#### *Neutralização surdo/sonoro*

O português dos jovens da aldeia Afukuri (PJAF) ainda apresenta uma neutralização surdo/sonoro (Paiva 2010; Emmerich e Paiva 2009, 157), como foi descrito para o português xinguano dos Kamayurá. Por exemplo:

Português padrão	→	PJAF
<i>banana</i>	~	<i>panana</i>
<i>batata</i>	~	<i>patata</i>
<i>bacia</i>	~	<i>pacia</i>
<i>faca</i>	~	<i>vaca</i>
<i>foice</i>	~	<i>voice</i>
<i>fone</i>	~	<i>vone</i>

Esta hipofonologização, segundo Paiva (2010, 63), pela qual o traço de sonoridade foi neutralizado no português xinguano, se tornou mais operante em relação direta com o nível de fluência no português dos falantes, i.e. quanto mais fluente os falantes, mais operante. Mesmo assim (paiva Paiva 2010), a melhor explicação para a existência deste fenômeno e aquela do substrato, como foi observado por Silva e Silva (1988) para o português falado pelos Kamayurá. Este fenômeno ocorre em razão da inexistência da distinção surdo/sonoro na língua materna. Na seção 2 apresentamos o sistema fonológico da língua Kuikúro. Não surpreende que os jovens da aldeia Afukuri tenham internalizado estas formas onde a distinção desapareceu. O fenômeno interessante é, como

mencionado na introdução à seção, que os jovens percebem cada vez mais estes usos entre eles.

*Paragoge de [i]*

Outro fenômeno interessante é a paragoge de [i] em palavras que terminam com consoante final no português padrão. Por exemplo:

Português padrão		PJAF
<i>lápis</i>	→	<i>lápisi</i>
<i>voz</i>	→	<i>vozi</i>
<i>cruz</i>	→	<i>cruzi</i>
<i>depois</i>	→	<i>depoisi</i>
<i>crianças</i>	→	<i>criançasi</i>
<i>xis</i>	→	<i>xisi</i>

Este fenômeno é também possivelmente um efeito da fonologia da língua materna. Como apresentamos na seção 2, a estrutura silábica da língua Kuikúro é (C)V. Não surpreende que os falantes de Kuikúro usem a paragoge de [i] a fim de não transgredirem as regras da fonologia da primeira língua. Este efeito é encontrado em falantes de todas as idades.

*Apócope de /r/ no final de palavra*

No português dos jovens da aldeia Afukuri, a apócope de /r/ final é muito comum. Este é um fenômeno presente também nas falas vernáculas do português como primeira língua. Estes são alguns exemplos:

Português padrão		PJAF
<i>celular</i>	→	<i>celulá</i>
<i>pegar</i>	→	<i>pegá</i>
<i>comentar</i>	→	<i>comentá</i>

Aqui também apresentamos alguns exemplos extraídos da fala natural:

- a Não, só queria *tirá* dúvida só, mas vou falar para alguém.
- b Aí para *saí*.

Mollica (2010, 38) observa sobre o português xinguanos que, “os aprendizes do Xingu tendem a “regularizar” o português que aprendem com base nos substratos que conhecem”. Deste modo, é muito provável que os jovens da aldeia adquiriram essas formas por causa do contato com falantes de português vernáculo nas cidades e não necessariamente por causa das restrições silábicas da sua língua materna.

Outro uso interessante e que precisaria de uma coleta mais exaustiva de dados é o seguinte: “só quando tu *vim* aqui”, onde o verbo ‘vir’ se apresenta com uma forma irregular. Esta forma está também presente em outras variedades do português brasileiro como primeira língua.

## 4.2 Aspectos morfossintáticos

### *O desiderativo ‘ser’*

Uma das características do português dos jovens da aldeia Afukuri, e, quiçá, dos Kuikúro em geral, é o uso de um desiderativo ‘ser’ como nos exemplos seguintes:

- a       Mano, tô *sendo* ser tatuador (i.e. estou querendo ser)
- b       Estou *sendo* dançar (i.e. estou querendo dançar)

Este parece ser um caso de calque do desiderativo Kuikúro, como nos exemplos (1) e (2), onde um verbo de cópula possui a função do português ‘querer’.

### *Ausência de preposições*

O uso de preposições do português dos jovens na aldeia Afukuri é bastante homogêneo. Como bem observou Gomes (2009, 174), desde a perspectiva da linguística variacionista para o português falado pelos Kamayurá, “[n]a faixa de maior fluência [...] o falante domina completamente os contextos de uso categórico de preposição, ao mesmo tempo em que adquiriu as regras variáveis”. Porém, tem algumas exceções na fala dos jovens. Por exemplo:

- a       Vou saí [...] aqui (sem prep.)

### *Variação entre ‘nós’ e ‘a gente’*

Para o caso da variação entre ‘nós’ e ‘a gente’ no português falado pelos Kamayurá, Emmerich (Emmerich 1987; Emmerich e Paiva 2009, 163), observa que “na fala dos seniores, “a gente” predomina nos contextos que mais favorecem no português L1, quais sejam, os contextos de indeterminação e indefinição”. Na fala dos jovens da aldeia Afukuri as duas formas ocorrem. O sistema por trás do uso desde uma perspectiva de regras variáveis é um tema por explorar no

futuro. Estes são alguns exemplos do uso: *a gente* conseguimos; *a gente* vamos; *a gente* precisamos; *nós* conseguiu; *nós* tem.

#### *Verbalizações e nominalizações inovadoras*

Os jovens da aldeia Afukuri têm também inventado formas verbais inexistentes na fala padrão. Por exemplo:

- a. A formiga fica *carecando* a laranja. (cortando as folhas da laranjeira)
- b. Deixa eu *vassourar* para você. (deixe-me varrer)
- c. Me empresta o *unharura*. (cortador de unha)
- d. Os rapazes ficam *barulhando* muito. (fazendo barulho)

Aliás, algumas palavras foram associadas ao português em relação às narrativas tradicionais e seus personagens. Por exemplo, *Maluá* era um indivíduo mulherengo. Nas conversas hoje, os jovens usam:

- “Você vai *maluar* com ela?” (namorar com ela [infinitivo])
- “Oi, *maluazão*.” (Oi, mulherengo [aumentativo])
- “Esse cara é *maluador*.” (Ele é mulherengo [agentivo])

Outro exemplo é a palavra ‘jacarear’. Na história tradicional o personagem do jacaré namorava com as mulheres da aldeia:

- “Patiu *jacarear*.” (partiu namorar)
- “Esse cara é *jacareador*.” (namora muito)

#### *Alternância/mistura de código insercional*

Uma das características do português dos jovens que ainda precisa de mais pesquisa é a ocorrência de mistura de código ou code-mixing (Muysken 2001; 2008, 163), entendido como o fenômeno no qual os falantes usam duas línguas alternativamente, ou até as misturam *elas*, quando falam com outros bilíngues em conversações internas.

O que é interessante sobre o uso da mistura de código português/Kuikúro dos jovens da aldeia Afukuri é que eles usam essas formas com outros xinguanos, com os professores caraíbas da aldeia e com o pessoal de saúde. Em seguida, apresentamos alguns exemplos de mistura de código insercional, i.e., a inserção de elementos de uma língua *x* no esqueleto morfossintático de uma língua *y*. Os elementos do português estão marcados em negrito; os Kuikúro, em cursiva:

- a **Até** *kogetsi* (até amanhã)
- b **Acabou** *leha* (acabou)
- c **Chuta** *jaheji* = (chuta logo)

No exemplo (a), vemos o caso de relexificação da expressão ‘até amanhã’. Nos exemplos (b) e (c), os verbos são do português, mas a partícula completiva *leha* e o advérbio *jaheji* são do Kuikúro. Todos esses casos são de mistura de código insercional. O fato interessante é que há casos em que os elementos gramaticais vêm do português, como o caso da preposição *até* (a), e outros em que vêm do Kuikúro, como é o caso do completivo *leha*.

### 4.3 Características no discurso

#### *Mistura de código intersentencial*

Na seção anterior apresentamos alguns exemplos de mistura de código ao nível intrasentencial, i.e., dentro de uma mesma proposição. No caso do português falado pelos jovens da aldeia Afukuri, há também mistura de código intersentencial, i.e., fora do nível da proposição. Normalmente, no PJAF, ocorre em respostas, usando as interjeições *en* ‘sim’, *inhalü* ‘não’, *ko* ‘não sei’, *enika* ‘de fato’ e *osi* ‘bom, bem’. Em seguida, apresentamos alguns exemplos colhidos pelo segundo e pelo terceiro autor deste artigo, em interações naturais na aldeia.

#### *En ‘sim’ e enika ‘de fato’*

a.

A: Você está bem?

B: Sim, estou bem.

A: Que bom.

B: *En*.

b.

A: Tahukuma, ele não está me respondendo.

B: *Enika*?

A: *En*.

*Osi* ‘bem, bom’

c.

A: Eu já vou embora.

B: *Osi*.

d.

A: Só isso que eu queria dizer.

B: *Osi*.

*Ko* ‘*não sei*’

e.

A: Eai, você gostou dela?

B: *Ko*.

f.

A: Você vai embora hoje?

B: *Ko*.

*Inhalü* ‘*não*’

g.

A: Você já namorou com aquela menina?

B: *Inhalü*.

h.

A: Você tem novidade?

B: *Inhalü*.

Uma vez mais é interessante que estes usos – que dão a impressão de serem poucos e são, na verdade, muito frequentes – ocorrem cotidianamente no Xingu quando os jovens falam no Facebook ou WhatsApp com amigos de outras aldeias, falantes de outras línguas, e com os caráibas da cidade. Qual é a motivação desses usos, assumindo que os interlocutores não são falantes de Kuikuro e, por consequência, não vão entender estes usos num primeiro contato? Na próxima seção, delineamos algumas hipóteses que poderão ser testadas em maiores detalhes em próximas pesquisas no campo.

## 5. Conclusões preliminares e vias futuras da pesquisa

O português xinguno descrito por Emmerich e Paiva (2009, 162), caracterizado por “particularidades decorrentes de um processo de cristalização da simplificação estrutural que operou na sua origem, [e que] mantém vestígios de uma fase pidginizante e [...] incorpora e acentua padrões variáveis da língua alvo que culminam num continuum de maior ou menos aproximação em relação ao português vernáculo” é aquele que encontramos na aldeia Afukuri entre os jovens. Muitas das características da fala chamada de pidginizante por Emmerich, como a hipofonologização e o uso variável de preposições foram mantidos. Não obstante, também se desenvolveram outros fenômenos, como a inovação léxica e a ocorrência da mistura de código, que não foram descritos

para a variedade estudada previamente e que fazem do PJAF interessante para a compreensão do contato linguístico atual no SR xinguno.

A ocorrência da mistura de código é particular, por ela acontecer em casos onde o interlocutor não compartilha o mesmo repertório linguístico, caso dos professores caraíbas da aldeia, os xingunos de outras etnias ou o pessoal de saúde. Nós sugerimos que esses usos não são aleatórios e correspondem a uma posição na interação, *stance in interaction*, i.e. um recurso interacional, com o qual os falantes estruturam a conversação ao redor das contingências de uma interação (Mushin 2010, 471). Essa mistura de código, assim, promove a identidade multilíngue destes jovens (q.v. Meakins 2008, 290 sobre Kalkaringi, Austrália), podendo ser considerado um marcador social ou índice de segunda ordem (Silverstein 2003; Eckert e Labov 2017; Agha 2005). O que os jovens conseguem com o uso destes diversos tipos de mistura de código na fala cotidiana é se posicionar como homens multilíngues pertencentes a etnia Kuikúro. A mistura de código na fala dos jovens de Afukuri, poderia ser considerada um fenômeno pragmático; i.e. “é a justaposição de duas realizações linguísticas alternativas da mesma mensagem a que sinala informação, não o conteúdo proposicional de nenhuma passagem conversacional” (Gumperz 1982, 84). Para nós, esta visão da mistura do código na fala dos jovens como fenômeno pragmático e identitário anda de mãos dadas com a noção de marca de identidade grupal e linguístico-cultural da região (Seki 2011), que foi a origem da manutenção das fronteiras linguísticas no SR do Alto Xingu. Será que outras variedades do PX falado pelos jovens de outras aldeias apresentam misturas de código deste tipo? Só uma pesquisa mais abrangente na região e o incremento de estudos comparativos e de contato poderão nos ajudar a responder esta pergunta.

Neste breve artigo, apresentamos algumas das características do PJAF. Um estudo no campo mais detalhado e prolongado será necessário para que se possa determinar quais são todas as características desta variedade particular do português xinguno, assim como o tipo do sistema de regras variáveis no qual estão incorporadas essas características, desde um ponto de vista dinâmico e modular (q.v. Bailey 1973; Seuren 1982; Rojas-Berscia 2019). Contudo, os dados expostos nas seções prévias permitem-nos confirmar a existência de algumas tendências da variedade estudada.

## Referências

- Agha, Asif. 2005. “Voice, Footing, Enregisterment”. *Journal of Linguistic Anthropology* 15 (1): 38–59. <https://doi.org/10.1525/jlin.2005.15.1.38>.
- Baião, Rosaura de Barros. 2010. “Os marcadores discursivos no português de contato”. *PAPIA - Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico* 9 (0): 72–79.
- Bailey, Charles-James N. 1973. *Variation and Linguistic Theory*. Arlington, Virginia: Center for Applied Linguistics.

- Bowern, Claire, Patience Epps, Russell Gray, Jane Hill, Keith Hunley, Patrick McConvell, e Jason Zentz. 2011. "Does Lateral Transmission Obscure Inheritance in Hunter-Gatherer Languages?" *Plos One* 6 (9): e25195. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0025195>.
- Brasil, Angela Varela. 2010. "A repetição de hesitação no português xinguano". *PAPIA - Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico* 9 (0): 80–87.
- Castro, Maria Guadalupe de, Lidia Spaziani, Lidia Spaziani, Maria Celia Lima Hernandes, e Maria Celia Lima Hernandes. 2001. "O Português de Contato Falado pelos Índios Kamayurás". *Dialogia* 0 (0): 18–24. <https://doi.org/10.5585/dialogia.v0i0.782>.
- Eckert, Penelope, e William Labov. 2017. "Phonetics, Phonology and Social Meaning". *Journal of Sociolinguistics* 21 (4): 467–96. <https://doi.org/10.1111/josl.12244>.
- Emmerich, Charlotte. 1984. "A língua de contato no Alto Xingu: origem, forma e função". Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ.
- Emmerich, Charlotte. 1987. "Da natureza da variação linguística no português xinguano". Tese de Titular, Rio de Janeiro: UFRJ.
- Emmerich, Charlotte, e Maria da Conceição de Paiva. 2009. "Português xinguano: origem e trajetória". In *Português em Contato*, organizado por Ana M. Carvalho, 2:153–64. Linguística luso-brasileira. Madrid-Frankfurt am Main: Iberoamericana Vervuert.
- Epps, Patience, e Lev Michael. 2017. "The Areal Linguistics of Amazonia". In *The Cambridge Handbook of Areal Linguistics*, organizado por Raymond Hickey, 934–63. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781107279872.033>.
- Franchetto, Bruna. 1986. "Falar kuikuro: estudo etnolingüístico de um grupo karib do Alto Xingu". Tese de doutoramento, Rio de Janeiro: Departamento de Antropologia do Museu Nacional / UFRJ.
- Franchetto, Bruna. 1990. "Ergativity and Nominativity in Kuikúro and Other Carib Languages". In *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages*, organizado por Doris Payne, 407–28. Austin: University of Texas Press.
- Franchetto, Bruna. 1995. "Processos Fonológicos em Kuikúro: Uma Visão Auto-Segmental". In *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*, organizado por Leo Wetzels, 53–84. Rio de Janeiro.
- Franchetto, Bruna. 2010. "The ergativity effect in Kuikuro (Southern Carib, Brazil)". In *Ergativity in Amazonia*, organizado por Spike Gildea e Francisco Queixalós, 121–58. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Franchetto, Bruna. 2011. "Evidências linguísticas para o entendimento de uma sociedade multilíngue: o Alto Xingu". In *Alto Xingu: uma sociedade multilíngue*, organizado por Bruna Franchetto, 3–38. Rio de Janeiro: Museo do Índio - Funai.
- Franchetto, Bruna. 2017. "Beleza Desta Língua: Tempo No Nome". *Mana* 23 (1): 269–91. <https://doi.org/10.1590/1678-49442017v23n1p269>.

- Franchetto, Bruna. 2018. “Prosody and Recursion in Kuikuro: DPs versus PPs”. In *Recursion across Domains*, organizado por Luiz Amaral, Marcus Maia, Andrew Nevins, e Tom Editors Roeper, 314–333. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781108290708.019>.
- Franchetto, Bruna, e Gélsama Mara Ferreira dos Santos. 2010. “Cartography of expanded CP in Kuikuro (Southern Carib, Brazil)”. In *Information Structure in Indigenous Languages of the Americas, Syntactic Approaches*, organizado por José Camacho, Rodrigo Gutiérrez-Bravo, e Liliana Sánchez, 1:87–113. New York: De Gruyter Mouton.
- Gomes, Christina Abreu. 2009. “Aquisição do subsistema de preposições no português em contato no Xingu”. In *Português em Contato*, organizado por Ana M. Carvalho, 2:165–76. Linguística luso-brasileira. Madrid-Frankfurt am Main: Iberoamericana Vervuert.
- Gomes, Christina Abreu. 2010. “A importância do significado da preposição na aquisição de segunda língua”. *PAPIA - Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico* 9 (0): 65–71.
- Gumperz, John J. 1982. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Maia, Marcus, Bruna Franchetto, Miriam Lemle, e Márcia Damaso Vieira. 2019. *Línguas Indígenas e Gramática Universal*. São Paulo: Editora Contexto.
- Meakins, Felicity. 2008. “Unravelling Languages: Multilingualism and Language Contact in Kalkaringi”. In *Children’s Language and Multilingualism : Indigenous Language Use at Home and School*, organizado por Jane Simpson e Gillian Wigglesworth, 1o ed, 283–302. London: Bloomsbury Academic. <http://www.bloomsburycollections.com/book/childrens-language-and-multilingualism-indigenous-language-use-at-home-and-school/ch13-unravelling-languages-multilingualism-and-language-contact-in-kalkaringi/>.
- Meira, Sérgio. 2006. “Cariban languages”. In *Encyclopedia of language and linguistics*, 199–203. Elsevier.
- Meira, Sérgio, e Bruna Franchetto. 2005. “The Southern Cariban Languages and the Cariban Family”. *International Journal of American Linguistics* 71 (2): 127–92. <https://doi.org/10.1086/491633>.
- Mollica, Maria Cecília. 2010. “Influência de substrato na aquisição de padrão fonológico de português L2”. *PAPIA - Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico* 9 (0): 37–42.
- Mushin, Ilana. 2010. “Code-Switching as an Interactional Resource in Garrwa/Kriol Talk-in-Interaction”. *Australian Journal of Linguistics* 30 (4): 471–96. <https://doi.org/10.1080/07268602.2010.518556>.
- Muysken, Pieter C. 2001. *Bilingual Speech: A Typology of Code-Mixing*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Muysken, Pieter C. 2008. Functional Categories. *Cambridge Studies in Linguistics* 117. Cambridge: Cambridge University Press.

- Paiva, Maria da Conceição de. 2010. “Hipofonologização no português de contato”. *PAPIA - Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico* 9 (0): 52–64.
- Rojas-Berscia, Luis Miguel. 2019. From Kawapanan to Shawi: Topics in Language Variation and Change. *Max Planck Institute for Psycholinguistics Series* ; 143 143. Nijmegen, The Netherlands: Max Planck Institute for Psycholinguistics.
- Santos, Gélsama Mara Ferreira dos. 2007. “Morfologia Kuikuro: Gerando nomes e verbos”. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Seki, Lucy. 1999. “The Upper Xingu as an Incipient Linguistic Area”. In *The Amazonian Languages*, organizado por R.M.W. Dixon e Alexandra Y. Aikhenvald, 415–30. Cambridge: Cambridge University Press.
- Seki, Lucy. 2011. “Alto Xingu: uma área linguística”. In *Alto Xingu, uma sociedade multilíngue*, organizado por Bruna Franchetto, 57–85. Rio de Janeiro: Museu do Índio - Funai.
- Seuren, Pieter A. M. 1982. “Internal Variability in Competence”. *Linguistische Berichte* 77: 1–31.
- Silva, Rosa Virgínia Mattos e. 2010. “Formação de uma área dialetal do português”. *PAPIA - Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico* 9 (0): 9–19.
- Silva, Rosa Virgínia Mattos e, e M. B. da Silva. 1988. “Um traço do português kamayurá (um momento no processo de aquisição do português)”. In *Sete estudos do português kamayurá*, 49–62. Salvador: PROED/UFBA.
- Silverstein, Michael. 2003. “Indexical Order and the Dialectics of Sociolinguistic Life”. *Language & Communication* 23 (3–4): 193–229. [https://doi.org/10.1016/S0271-5309\(03\)00013-2](https://doi.org/10.1016/S0271-5309(03)00013-2).
- Thomason, Sarah G., e Terrence Kaufman. 1988. *Language Contact, Creolization and Genetic Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins.